

VENTOS NA ESTRATOSFERA DE JÚPITER CHEGAM A QUANTOS DICIONÁRIOS HÁ NO MUNDO

É Íris Alexandra Nunes Marques, 8 anos, quem me inspira o título. Quando lhe sugiro que escreva cinco linhas, copia um pedaço de João Paulo Cotrim, e quando lhe peço uma linha, só, inventada por ela com palavras do texto, recebo: «Ana não das pedras Enfim, não será».

Cheguei numa máquina de lavar. Abri a portinhola, entrei lá para dentro com o sabão e o amaciador, fechei, carreguei em «on» (não me perguntem como consegui) e rodei e rodei até me achar na biblioteca da escola, limpo e seco, frente aos sorrisos, seis.

Ler e escrever, escrever e ler, será um pouco como andar sobre pedras num riacho. Há quem saltite alegremente de margem para margem, outros há que avançam devagar, cautelosos, e há quem hesite com medo de ir ao banho. Mas toda a gente quer, e muito, ler e escrever.

Carolina Filipa Gonçalves Mendonça, 8 anos, parece hesitar, um tempo; depois, é ela quem vai buscar um dicionário enorme, espesso e pesado, pergunta se haverá quem conheça aquelas palavras todas e não descansa enquanto não vamos pesquisar no Google «quantos dicionários há no mundo». O Google não sabe.

Lia não se faz rogada em ler, e escreve com desenvoltura uma linda história sobre o tema da amizade. Eu tento imitar-lhe o ritmo e escrevo rapidamente umas linhas sobre a eleição do rei dos pardais. Leio em voz alta. A Lia acha a minha história curta. Depois vai buscar o caderno e recita-me este seu poema:

As estrelas

As estrelas brilham com o Luar,
Luar belo brilhante e bonito,
Bonito e cheio de luz.
Luz viva grande e forte.

(Lia Pereira Martinez, 8 anos)

De Anhelina Ilyuk, 8 anos, não consegui textos escritos. Mas, sim, muitas palavras ditas e muitos sorrisos. Textos escritos com sorrisos. E música, com arpejos de cavaquinho e notas soltas de xilofone; e, depois, a busca apaixonada de animais quase extintos, de poemas vivos em esquecimento. Também trouxe de presente uma nave espacial, obra de suas mãos em papel dobrado. Ou seria um barco? Enfim, serei dos que não distinguem barcos de naves espaciais.

Nelson Madeira Almeida Costa, 9 anos, começa por insistir na construção de casas com pufes e cadeiras, mas acaba por se revelar escritor, alguém ligado por palavras aos confins do universo. Escreve ele:

«As estrelas são brilhantes como o sol
mas o sol é quente e as estrelas não são quentes
porque será?
os planetas são quentes?
Depende do planeta»

Anteriormente, escrevera no caderno versos como: «As estrelas são pessoas que já morreram» ou «as estrelas cadentes voam? / não sei ninguém sabe», e é ele quem se espanta, e me espanta com os ventos na estratosfera de Júpiter.

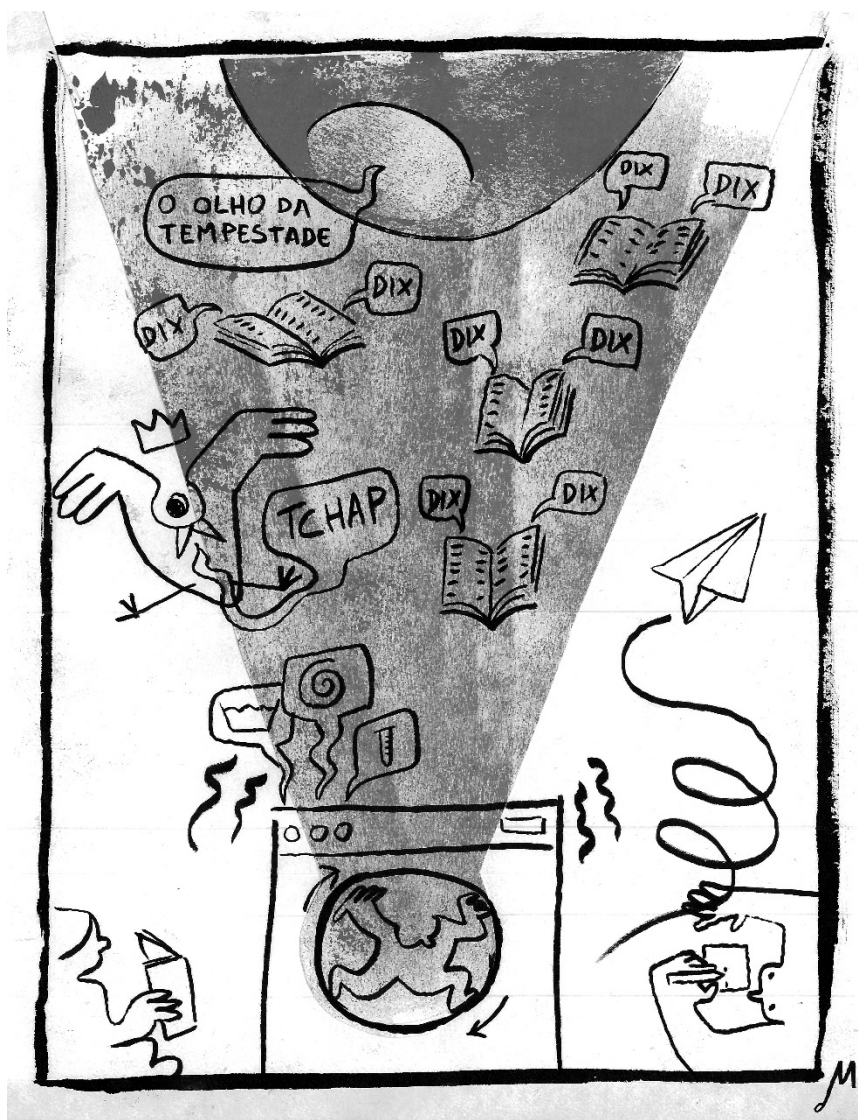
Jasmanpreet Singh, 10 anos, chegou há pouco tempo à língua portuguesa. Está muito perto dela, mais do que o que ele próprio confessa. Diz, em bom português, que não sabe escrever, mas,

paradoxalmente, escreve isso mesmo «eu não sabe escrever». À hora do lanche, oferece Pringles a toda a gente e insiste para que eu prove; mais tarde mostra-me um desenho pormenorizado do interior do sol.

Será possível alguém morrer queimado por uma batata frita picante? pergunto aos meus botões, enquanto engulo meio litro d'água. Em redor, as vozes parecem confirmar um certo perigo:

A mim, dói-me a língua
Eu estou toda vermelha
Aranha Tigre
Lula Gigante
Pato Mergulhão

“Era uma vez um pardal que cantava mal; pior do que os outros pardais. Quase todos os outros pardais faziam Tchup, mas ele fazia Tchap. Então, toda a gente concordou em que ele era mesmo extraordinário e perguntaram em coro: «Queres ser o nosso rei?» Ao que o pardal que cantava mal respondeu Tchap e, assim, subiu ao trono. Agora, a quem perguntar «O que é que faz um rei dos pardais?», já podem responder: «Faz Tchap.»



João Paulo Esteves da Silva (60 anos), com Íris Alexandra Nunes Marques (8 anos), Carolina Filipa Gonçalves Mendonça (8 anos), Lia Pereira Martinez (8 anos), Anhelina Ilyuk (8 anos), Nelson Madeira Almeida Costa (9 anos) e Jasmanpreet Singh (10 anos).
Ilustração de Dedo Mau.